

# O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLEÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. IX

JULHO A OUTUBRO DE 1904

N.º 7 A 10

## Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

### Furna ao lado oriental do Castro da Rotura

(Continuação. Vid. o *Arch. Port.*, VIII, 266)

Trinta metros para o lado oriental do logar onde se estabeleceu o castro da Rotura, e a igual distancia contada da fonte do mesmo nome para a banda do NW., havia entre duas camadas do calcareo miocenic, que constitue o terreno local, um intervallo que formava uma especie de fosso, dividido em tres compartimentos a que correspondiam outras tantas aberturas superiores.

O córte vertical feito na direcção da linha E.-W. do maior comprimento da cavidade, tinha a fórma representada na fig. 169.<sup>a</sup> A secção horizontal ao nivel D E está desenhada na fig. 170.<sup>a</sup>, e faz-nos lembrar as projecções horizontaes das grutas do Casal do Pardo na Quinta do Anjo.

A primeira exploração archeologica que se fez nesta gruta realizou-se por indicação minha no anno de 1896, sendo dirigidos os trabalhos pelo Sr. Maximiano Apollinario, então adjunto do Museu Ethnologico Português, o qual mandou desentulhar a gruta desde a bocca A (fig. 169.<sup>a</sup>) até um nivel B C na profundidade de 4 metros. O Sr. Apollinario desistiu da exploração, por não ter encontrado nenhum vestigio do homem, e ser exigua a verba destinada aos trabalhos do Museu.

Comtudo a exploração da pedreira chegou recentemente ao ponto onde se achava a gruta, que quasi toda desapareceu por ter sido extrahida a rocha onde estava formada. Antes porém da gruta ser destruida, procedi á analyse dos objectos que nella se continham.

Toda a cavidade se achava preenchida por entulhos formados principalmente de pedras sem nenhuma ordem ou disposição em estratos, e com intervallos vazios entre si, achando-se apenas agglutinadas umas

ás outras em alguns pontos por meio de incrustações calcareas produzidas pelas aguas de infiltração, que caíram do tecto d'esta gruta.

Estas mesmas aguas tambem produziram nas paredes da cavidade um revestimento de calcareo estalagmitico, cuja espessura variava de 0<sup>m</sup>,005 a 0<sup>m</sup>,05.

As pedras, que constituíam os entulhos, tinham na sua maioria o peso de aproximadamente 4 kilogrammas, e apresentavam geralmente a côr vermelha, devida á acção que o fogo exerceu nos saes de ferro, que entram na sua constituição.

Na parte mais funda da gruta e nos intervallos das pedras que a preenchiam encontrei alguns pequenos fragmentos de carvão vegetal, muitos maxillares e outros ossos de coelhos (*lepus cuniculus*), dois cranios incompletos e outros ossos de texugos (*meles taxus*) e alguns fragmentos de diversos cranios e ossos humanos.

Todos os entulhos, que preenchiam a gruta, parece que caíram ou foram atirados para dentro da cavidade pelas suas aberturas superiores, mas não arrastados pelas torrentes pluviaes; pois que se tal succedesse não deviam os intervallos que existiam entre as pedras estar vazios, mas preenchidos com terra ou outras substancias mais leves, que as enxurradas necessariamente deviam levar com as pedras para dentro da gruta.

Eis a lista dos objectos achados com os entulhos, e que me parecem mais dignos de descripção:

#### A) RESTOS HUMANOS:

Todos os ossos humanos, que estavam disseminados nos entulhos dentro da gruta, se achavam de tal modo deteriorados que, por falta de elementos, me parece impossivel fazer-se um estudo anthropologico completo d'elles.

Ainda assim procurarei dar noticia d'estes vestigios do homem, pondo em evidencia os caracteres que escaparam á destruição e que talvez ainda possam dar alguma luz sobre o typo humano a que pertenceram.

1.º Uma porção de cranio humano, que comprehende quasi toda a parte esquerda do frontal, onde se pode notar o *bregma*, parte da arcada supraciliar esquerda, grande parte do parietal esquerdo e uma porção do direito, parte do temporal esquerdo com a apophise mastoideia e o orificio auricular, e finalmente grande parte do occipital, onde se vêem o *inion* e o bordo posterior (*opisthion*) do orificio occipital.

Este cranio foi principalmente reconstituído com os pedaços, que pelas fracturas collei uns aos outros e encontrei dispersos entre as

pedras que preenchiam a gruta. Depois de reconstituído obtive pela photographia as projecções centraes tanto do perfil (fig. 171.<sup>a</sup>), como da *norma verticalis* (fig. 172.<sup>a</sup>).

Tres dos pontos, que ainda restam do cranio — o *opisthion*, o *lambda* e o *bregma*, — determinam o plano vertical antero-posterior, que divide o mesmo cranio em duas partes que, se não estivessem mutiladas, deviam ser naturalmente symetricas.

Restaurando pois as partes que faltam por meio das suas symetricas que existem, e ainda por outros fragmentos, que me parece serem d'este cranio, apesar das lacunas não permittirem a sua ligação, obtive as projecções orthogonaes representadas nas figs. 173.<sup>a</sup> e 174.<sup>a</sup>, onde as linhas pontuadas indicam a parte hypotheticamente restaurada.

Nestes desenhos podem fazer-se as seguintes medições:

TT (Diámetro transversal maximo contado entre os pontos lateraes symetricos mais afastados) . . . . .	0 <sup>m</sup> ,140
GP (Diámetro antero-posterior contado da glabella ao ponto occipital maximo) . . . . .	0 <sup>m</sup> ,190
Indice cephalico . . . . .	$\frac{14 \times 100}{190} = 73$

Acceptando estas medições como aproximadas das que devia ter o cranio, se apparecesse inteiro, o indice cephalico de 73 revela que o individuo a que pertencia este cranio era *dolicocephalo* verdadeiro, segundo a classificação de Paulo Broca<sup>1</sup>.

Este indice é muito aproximado do indice cephalico dos seis cranios encontrados em Cro-Magnon<sup>2</sup>, e do typo da maior parte dos esqueletos encontrados nos *ljoekkenmoeddings* de Muges em que Paulo e Oliveira achou o indice cephalico medio de 73,80<sup>3</sup>.

O cranio apresenta a sutura coronal junto á crista temporal apagada, o que indica que o individuo a que pertencia tinha mais de 35 annos<sup>4</sup>.

O ponto sagittal posterior ainda não começava a fechar, o que indica que o individuo tinha menos de 40 annos<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 244.

<sup>2</sup> Vid. o mesmo, pag. 244.

<sup>3</sup> Vid. «Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques» nas *Communicações* da Comissão dos Trabalhos Geologicos, tomo II, pag. 6.

<sup>4</sup> Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 136.

<sup>5</sup> Vid. o mesmo, pag. 137.

Tinha pois a idade em que o esqueleto apresenta mais caracteres distinctivos do sexo <sup>1</sup>.

A crista temporal é pouco visivel, o que entre os limites de idade acima determinados, indica que o individuo a que pertencia era do sexo feminino <sup>2</sup>. Vem reforçar esta asserção o facto do *inion* ser pouco saliente.

Os elementos que apresenta esta porção do cranio parecem pois indicar que o individuo a que pertencia era da raça dolicocephalica, que P. Topinard <sup>3</sup> diz ser a primitiva da peninsula iberica, e cujos representantes actuaes são os berberes.

2.<sup>o</sup> Outro fragmento de cranio, que comprehende duas grandes porções dos parietaes ligados pela sutura sagittal, o temporal esquerdo tambem ligado ao parietal do mesmo lado e ao occipital, e este ligado aos parietaes e temporal esquerdo pela sutura lambdoidal.

No occipital a protuberancia occipital externa (*inion*) bem como o bordo posterior do orificio occipital (*opisthion*) são pouco salientes.

Em vista dos caracteres apontados creio que este cranio pertencia a individuo adolescente e talvez do sexo feminino.

Não se pode medir o diametro vertical, por não existir o *bregma*.

O temporal ainda conserva a apophise mastoideia bem como o orificio auricular.

3.<sup>o</sup> Outro fragmento de cranio humano, constituido pelo frontal e uma pequena parte do osso esphenoide. Este osso parece ter pertencido a individuo de pouca idade, pois que se separou com facilidade dos outros ossos pelas suturas, com excepção apenas do osso esphenoide, onde resta uma parte da goteira optica.

Neste osso a crista temporal é mal definida, as arcadas supraciliares pouco salientes e as bossas frontaes pouco pronunciadas.

O diametro transversal superior ou estephanico <sup>4</sup> é de 0<sup>m</sup>,107 e o diametro frontal minimo é de 0<sup>m</sup>,090 <sup>5</sup>; portanto o indice estephanico <sup>6</sup> é de  $\frac{0,090}{0,107} = 84$ .

4.<sup>o</sup> Diversos fragmentos de maxillares:

a) Metade de um maxillar superior do lado esquerdo, o qual se separou da parte direita que falta pela sutura media.

<sup>1</sup> Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 146.

<sup>2</sup> Vid. o mesmo, pag. 146.

<sup>3</sup> Vid. o mesmo, pag. 475.

<sup>4</sup> Vid. o mesmo, pag. 253.

<sup>5</sup> Vid. o mesmo, pag. 253.

<sup>6</sup> Vid. o mesmo, pag. 255.

Este meio-maxillar, que ainda conserva todos os seus alveolos e o primeiro grande mollar, apresenta a meia arcada alveolar de maneira que, com a outra metade que falta, devia formar um *upsilon* (U), isto é, devia ter os dois ramos parallellos (fig. 175.<sup>a</sup>). Este caracter afasta o individuo, a que pertenceu o osso, da raça branca, onde a forma commum da arcada alveolar é *hyperbolica* ou em *parabola*, ao passo que aproxima o mesmo individuo da raça preta, onde especialmente a dita fórma é a de *upsilon* (U), que tambem é a peculiar ás arcadas alveolares dos macacos anthropoides<sup>1</sup>.

Neste maxillar o angulo que o alveolo do primeiro incisivo faz com o plano alveolar condyliano é de 70°. O angulo alveolar, que determina o grau de prognathismo, não se pôde medir por faltar no fragmento a espinha nasal. Attendendo porém a que este angulo deve ser superior ao formado pelo alveolo do primeiro incisivo com o plano alveolar condyliano, pôde inferir-se que, por muito pequena que fosse a saliencia da espinha nasal, o angulo alveolar não devia ser inferior a 80°.

Este grau de prognathismo, em opposição ao que succede com a fórma que apresenta a arcada alveolar, aproxima o individuo, a que pertencia o osso, dos typos da raça branca e em especial dos Guanches representantes da familia de Cro-Magnon, os quaes teem um angulo alveolar de 81° 34'. O supposto angulo alveolar de 80° afasta o individuo, a que pertenceu o maxillar, da raça preta, que é a que tem o prognathismo mais accentuado, chegando a ser de 51° o angulo alveolar<sup>2</sup>.

b) Fragmentos de maxillares inferiores com dimensões incompatíveis com a idade infantil, e em que se nota que os angulos formados pelos ramos horizontaes com os posteriores são de 121° 30' (figs. 176.<sup>a</sup> e 177.<sup>a</sup>). Este valor nos angulos maxillares depois da segunda dentição indica meia idade<sup>3</sup>.

É provavel que tanto estes fragmentos, como os do cranio descripto em primeiro logar, pertencessem ao mesmo individuo, visto que todos elles accusam os mesmos limites de idade e foram achados muito proximos uns dos outros.

6.º *Dentes humanos soltos*.—Entre os entulhos, que preenchiam a gruta, encontrei dispersos os seguintes dentes humanos:

2 molares superiores, com a coroa não desgastada.

3 molares inferiores, dois dos quaes teem a coroa muito gasta.

<sup>1</sup> Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 266.

<sup>2</sup> Vid. o mesmo, pags. 286-290.

<sup>3</sup> Vid. o mesmo, pag. 238.

1 incisivo superior, com a coroa gasta em fôrma de bisel na face interna. Este facto tambem foi observado pelo Sr. Nery Delgado nos dentes achados na Lapa Furada, proximo a Cesareda <sup>1</sup>.

3 incisivos inferiores, tendo um d'elles a coroa gasta até aos  $\frac{4}{5}$  superiores da mesma coroa.

Segundo Topinard, o gasto nos incisivos só é frequente nas raças inferiores e prehistoricas <sup>2</sup>.

Talvez a causa do gasto d'estes dentes humanos fosse a mastigação da areia, que vinha junta com os mariscos, que serviam de alimento aos habitantes do castro da Rotura. Foi d'este modo que Laying explicou o desgaste dos dentes nos antigos habitantes de Caithness <sup>3</sup>.

Todos os dentes achados na gruta estavam isentos de carie.

7.º Fragmentos de diversos humeros com a cavidade olacraniana perforada, sendo dois d'elles do mesmo individuo (figs. 178.<sup>a</sup> e 179.<sup>a</sup>).

Este caracter aproxima, assim como nos cranios anteriormente referidos, o typo dos individuos a que pertenciam estes humeros dos habitantes das Canarias (Guanches) anteriores á dominação hespanhola <sup>4</sup> e dos Berberes, que se suppõe serem os representantes da mais antiga população iberica <sup>5</sup> e reproduzem os sinaes caracteristicos dos esqueletos encontrados em Cro-Magnon <sup>6</sup>.

8.º Fragmento de um humero com a cavidade olacraniana não perforada (fig. 180.<sup>a</sup>). O individuo a quem pertencia este humero tinha uma estatura maior do que a do typo a que pertenciam os humeros antecedentemente referidos.

9.º Diversos fragmentos de femures, onde as duas series de rugosidades, que formam o bordo posterior, se vêem bastante salientes e separadas por um intervallo rugoso, como nos femures da familia inhumada em Cro-Magnon.

10.º Varios fragmentos de tibias achatadas ou platycnemicas, como se encontram nos esqueletos achados em Cro-Magnon <sup>7</sup>.

Attendendo á maneira como os ossos humanos estavam dispersos dentro da gruta, e ainda á ausencia de quaesquer utensilios ou objectos de valor, que indicassem piedade para com os mortos, julgo que

<sup>1</sup> Vid. *Noticia acerca das grutas de Cesareda*, pag. 117.

<sup>2</sup> Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 140.

<sup>3</sup> Vid. *Noticia acerca das grutas de Cesareda*, pag. 55 sqq.

<sup>4</sup> Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 306.

<sup>5</sup> Vid. o mesmo, pags. 308 e 309.

<sup>6</sup> Vid. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pag. ix.

<sup>7</sup> Vid. *L'Anthropologie*, por P. Topinard, pag. 308.

estes ossos foram removidos de outra parte para esta gruta, que serviria assim como de ossario.

Talvez estes restos humanos fossem exhumados dos seus antigos jazigos, para darem logar aos mortos de outro povo ou de outra epoca, e depois lançados pouco respeitadamente para esta gruta, em fórma de fosso, sem irem acompanhados dos objectos, que symbolizavam a saudade dos sobreviventes.

É mesmo provavel que a raça que succedeu á que nesta especie de ossario deixou vestigios semelhantes aos da familia inhumada em Cro-Magnon, fosse aquella de que encontrei alguns vestigios na lapa de S. Luis, juntamente com fragmentos de louça e outros objectos que, pelo seu fabrico, parecem ser contemporaneos da maior parte dos que foram encontrados dentro do castro da Rotura.

#### B) OSSOS DE DIFFERENTES ANIMAES:

1.º Ossos de texugos. Espalhados entre os entulhos da gruta havia ossos de diferentes texugos, entre os quaes colhi porções dos esqueletos de duas cabeças, uma das quaes comprehende parte do cranio e porções do focinho e do maxillar inferior. No ramo esquerdo d'este maxillar vê-se o condylo cylindrico, e implantados tres dentes incisivos, um canino e o quinto molar.

Não ha duvida de que estes ossos são da especie de texugo (*meles taxus*), cujos restos foram achados tanto na furna de Cascaes (actualmente depositados no armario 29 do Museu da Commissão dos Trabalhos Geologicos), como na Cova da Raposa (actualmente depositados no armario 37 do mesmo museu).

O Sr. Artur Frederico de Seabra, distincto naturalista do Museu da Escola Polytechnica de Lisboa, a quem pedi para comparar os ossos das duas cabeças de texugos achados na gruta da Rotura com os homologos do esqueleto do texugo actual, existente no dito Museu, satisfazendo da melhor vontade ao meu pedido, concluiu que, apesar de todos os ossos que lhe apresentei serem da especie do texugo (*meles taxus*) cujo esqueleto existe no museu, eram comtudo dignos de netar-se certos caracteres differenciaes.

Alguns d'estes caracteres, como a menor espessura dos ossos e menos saliencia na crista sagittal do cranio do texugo existente na Escola Polytechnica, podem attribuir-se á pouca idade d'este exemplar relativamente á que tinham os texugos, cujos esqueletos foram achados na Rotura.

Ha porem outras differenças, observou o Sr. Seabra, taes como os intervallos entre as presas dos texugos da Rotura menores do que

os correspondentes no texugo actual, que deverão antes attribuir-se á transformação porque no nosso país passou esta especie de animaes desde os tempos prehistoricos até hoje.

2.º Misturados com os entulhos tambem havia grande quantidade de differentes ossos de coelhos (*lepus cuniculus*).

#### Considerações ethnographicas

Da analyse dos ossos humanos e outros objectos achados, tanto no castro da Rotura como nas grutas proximas, pode concluir-se que nesta estação ha vestigios pelo menos de duas raças.

Na gruta a E. do castro encontrámos os vestigios de uma raça, que era dolicocephalica, tinha a cavidade olacraniana perfurada e as tibias platynemicas, isto é, com todos os caracteristicos da familia inhumada em Cro-Magnon e com que tambem se apresentam frequentemente os esqueletos achados em Muge<sup>1</sup>.

Esta raça, cujos representantes actuaes são os Berberes, foi a que com mais probabilidade habitou primitivamente o castro da Rotura.

Creio não haver elementos para determinar a epoca em que esta raça predominou no referido castro, pois que, apesar de ser provavel que a gruta onde achei os seus restos servisse de ossario na epoca neolithica, podem os ossos nella encontrados ter sido removidos de outros jazigos que os tivessem recebido nos tempos paleolithicos.

Na Lapa de S. Luis, na gruta sepulcral da Rotura e no castro d'este nome, encontrei vestigios de esqueletos humanos com caracteres que os differenciam dos da familia de Cro-Magnon.

Estes caracteres osseos tanto podiam ser adquiridos por transformação da primitiva raça, devida á variação de actividade dos musculos, em consequencia de novos habitos trazidos pela evolução progressiva da vida social dos primeiros habitantes, como herdados de uma ou mais raças que tivessem invadido o territorio portuguez na epoca neolithica<sup>2</sup>.

O povo da Rotura, formado por esta derivação da raça primitiva ou da mistura de raças invasoras, fez largo uso de louça com desenhos gravados em fórma de dentes de lobo, bem como de contas de calaite e outros objectos que H. Martin<sup>3</sup> diz serem celticos e que, segundo muitos archeologos, já eram usados pelos povos da epoca neolithica.

<sup>1</sup> Vid. «Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques» nas *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geologicos*, por Paulo e Oliveira, tomo II, pags. 6 e 8.

<sup>2</sup> Cf. *Bulletin de la Société d'Anthropologie de Paris*, v serie, tomo II, pags. 147 a 157.

<sup>3</sup> Vid. *Compte-rendu do Congresso de Lisboa de 1880*, pag. 436.

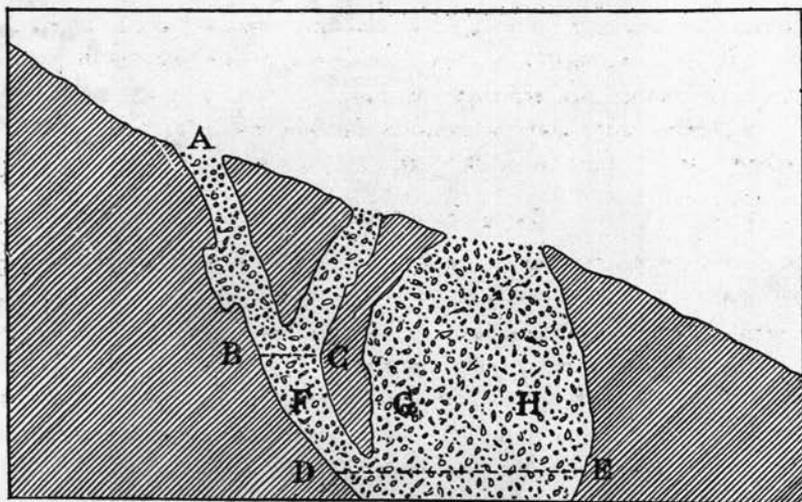


Fig. 169.ª (1/200)



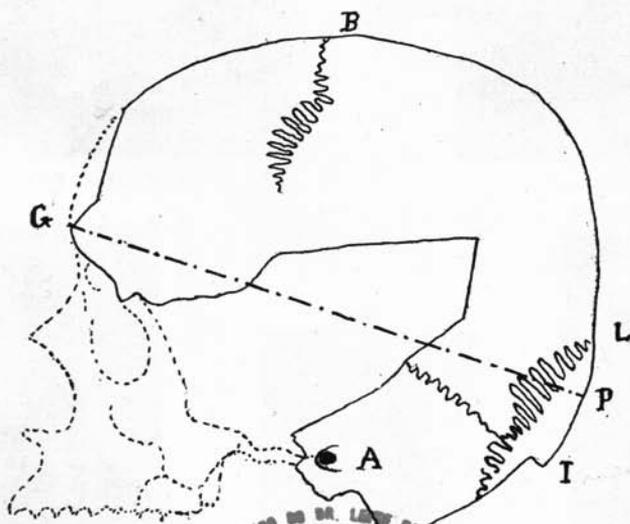
Fig. 170.ª (1/200)



BIBLIOTECA  
Fig. 171.ª



Fig. 172.<sup>a</sup>



BIBLIOTECA  
Fig. 173.<sup>a</sup>  
LISBOA

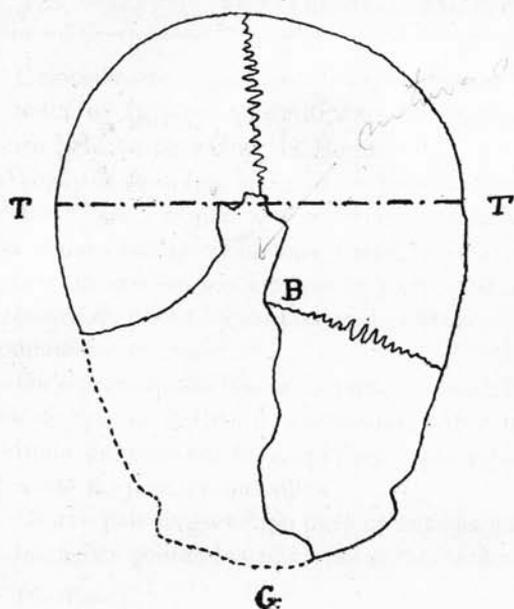


Fig. 174.<sup>a</sup>

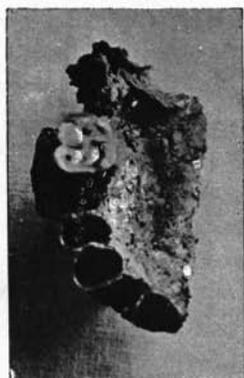


Fig. 175.<sup>a</sup>



Fig. 176.<sup>a</sup>



Fig. 177.<sup>a</sup>



Fig. 178.<sup>a</sup>



Fig. 179.<sup>a</sup>



Fig. 180.<sup>a</sup>

BIBLIOTECA  
- LISBOA

Comtudo creio que faltam os elementos para determinar o valor de todos os factores que entraram na formação do povo, que ultimamente habitou no castro da Rotura.

Um dos factores necessarios para a transformação de uma raça é o tempo, sem o qual nem a variação do meio (cosmico ou social), que traz como consequencia uma variação correlativa de actividade vital e portanto dos orgãos em que se exerce essa actividade, nem mesmo a mistura de novas raças, podem desenvolver de modo apreciavel novos productos ethnicos.

Os objectos achados na Rotura, comparados com os de outras estações de epochas melhor determinadas, parecem indicar que o castro foi habitado durante um longo periodo, que se estendeu pela epocha neolithica até á epocha eo-metallica.

Houve pois largo tempo para os antigos habitantes experimentarem modificações profundas nos seus caracteres ethnicos.

(*Continúa*).

A. I. MARQUES DA COSTA.

## Documentos monetarios

Os tres documentos que adeante transcrevo referem-se a assuntos monetarios.

O primeiro d'elles, sobrecarregado com grande copia de citações, apresenta-nos uma resumida historia da moeda ao lado de considerações economicas, o que tudo termina com um agradecimento ao Principe pela mercê de ouvir os dois artifices, *quando a sua regalia o desobrijava de nos escutar*.

O segundo condemna sob todos os aspectos o curso da moeda estrangeira no territorio portuguez dos Açores e Madeira.

Finalmente o terceiro documento offerece-nos a data de varias provisões em virtude das quaes se cunhou a moeda na casa da Bahia.

Não são documentos de alto valor os que se agora imprimem, todavia deverão ser bem acolhidos pelos especialistas.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

### 1. Parecer dos Ourives sobre a alteração da moeda no tempo da regencia de D. Affonso VI

«Tão antigo he o uzo da moeda entre as gentes que Plinio confessa que lhe não sabe Autor (1) e Josepho diz que já Caim fora ambigioso em ajuntar dinheiro, com o que parece que quazi com o Mundo teue principio o uzo da moeda, que Herodoto (2) quer attribuir aos de Lyuia (*Lydia*), sendo o mais certo que os Romanos no anno da edeficação de